

MEMÓRIA E MANIFESTAÇÕES ART DÉCO NAS PÁGINAS DE *BELLO HORIZONTE*

MEMORIA Y MANIFESTACIONES ART DECO EN LAS PÁGINAS DE *BELLO HORIZONTE*

Carlos Eduardo de Almeida Oliveira*

Resumo

O artigo analisou a coleção de revistas *Bello Horizonte*, das décadas de 1930 e 1940, disponibilizadas ao público através do site do APCBH. As revistas circularam, sobretudo, na capital mineira. O periódico publicava contos, textos, crônicas e poemas em suas páginas, que falavam do cotidiano em Belo Horizonte. A partir de uma leitura generalizada, foi possível selecionar alguns exemplares e compará-los visual e textualmente. A análise visual levou em consideração aspectos do design gráfico. A análise textual focou no tipo de texto e conteúdo. Concluiu-se que o deslocamento do centro urbano de Belo Horizonte, em 1936, foi um marco na transição de uma cidade com função puramente administrativa para a metrópole atual, bem como para o amadurecimento do conteúdo da revista e, conseqüentemente, seus aspectos gráficos.

Palavras-chave: Memória; Arquivo; Art Déco.

Resumen

El artículo analizó la colección de revistas *Bello Horizonte*, de las décadas de 1930 y 1940, disponibles al público a través del sitio web del APCBH. Las revistas circularon sobretudo en la capital de Minas Gerais. El periódico publicaba cuentos, textos, crónicas y poemas en sus páginas, que hablaban de lo cotidiano en Belo Horizonte. A partir de una lectura generalizada, fue posible seleccionar algunos ejemplares y compararlos visual y textualmente. El análisis visual llevó a cabo el diseño gráfico. Un análisis textual se centró en el tipo de texto y contenido. Se concluyó que el desplazamiento del centro urbano de Belo Horizonte, en 1936, fue un hito en la transición de una ciudad con función puramente administrativa hacia una metrópolis actual, así como para la maduración del contenido de la revista y, conseqüentemente, sus gráficos.

Palabras clave: Memoria; Archivo; Art Déco.

*Graduado em Artes e Design pela UFJF. Mestrando em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG.

E-mail: kadu.olliveira@gmail.com

REAPCBH – Revista Eletrônica do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, v. 4, n. 4, dezembro de 2017- ISSN: 2357-8513

Introdução

O Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) disponibilizou, em seu site, diversos documentos e coleções sobre a história e o patrimônio da capital mineira. Um deles foi a coleção analisada nesse artigo: as revistas *Bello Horizonte*. Esse material foi publicado entre as décadas de 1930 e 1940. Circulou, principalmente, na capital e, posteriormente, foi distribuído em outras cidades de Minas Gerais. Seu conteúdo era literário e cultural, trazendo informações sobre cinema, poemas, contos, crônicas, fotos de crianças, personalidades e pessoas anônimas – principalmente as mulheres, fotografadas nas saídas das matinês e na avenida Afonso Pena, que na década de 1930 era a mais importante via da capital. Por sua vez, a Rua da Bahia era considerada uma das mais movimentadas do centro. Além do forte comércio, dos bares e cafês, no encontro dos dois endereços situava-se a estação central dos bondes, onde hoje se encontra uma floricultura. À sua frente, onde atualmente existe um hotel, funcionava o “Bar do Ponto”, local de encontro, romances e conversas.

Esse memorável lugar saiu de cena em 1936, quando novas linhas de bonde surgiram. A estação central foi deslocada dessa esquina para a Praça Sete, ao redor do “Pirulito”, sendo até hoje o coração da cidade de Belo Horizonte. Esse deslocamento geográfico marcou uma mudança na revista: se antes as capas eram Art Déco, após a mudança as capas passaram a buscar uma estética mais próxima do modernismo. Enquanto a capa se alinhava à estética vigente, percebeu-se que o miolo da publicação não a acompanhou – exceto os efeitos de fotografia e as publicidades.

Para este estudo, foram selecionadas algumas revistas de acordo com o ano, a estética das capas e a paginação interna – além dos textos, contos, crônicas e poemas observados numa leitura prévia. Foi possível identificar os nomes de alguns diretores da publicação, como Augusto Siqueira e Miguel Chalup, e de colaboradores fixos e ocasionais, como Don Ruy (pseudônimo do cronista Djalma Andrade) e Rubem Braga.

O site do APCBH não possui todas as edições¹⁵⁰ da revista *Bello Horizonte* – embora a defasagem na coleção não invalide esta pesquisa. Lamentavelmente, os dois

¹⁵⁰ Conforme publicado no site do APCBH, “as revistas Belo Horizonte chegaram à custódia do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte através de recolhimento realizado na Secretaria Municipal de REAPCBH – Revista Eletrônica do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, v. 4, n. 4, dezembro de 2017- ISSN: 2357-8513

primeiros números da revista não estão catalogados, portanto, não foi possível identificar precisamente os motivos da criação da revista. Contudo, na edição comemorativa do sétimo aniversário, o editorial afirmava que a revista “fundada para bem servir a’ terra montanheza” era o “espelho da vida mineira” (BELLO HORIZONTE, n.107, 1939, p.3).

Foram analisadas as revistas de número 12, 18, 73, 82, 93, 107, 111, 148, 166 e 188; e especificadas quanto ao conteúdo e estética. Ambas as análises perceberam mudanças significativas a partir do momento em que o centro urbano de Belo Horizonte se deslocou do “Bar do Ponto” para a Praça Sete. O que não mudou foi a manifestação da cultura local em suas páginas. As pessoas de Belo Horizonte, os que chegavam, os que nasciam, os ilustres e as inaugurações sempre foram retratadas pela revista ao longo do tempo. Levando em consideração a função “memorialística” da revista na atualidade, estética e texto se somam nas páginas, transformando a coleção de exemplares num arquivo a ser lido e descoberto por aqueles que se interessam pela cultura local e pelos costumes da primeira capital planejada do Brasil.

A revista como um arquivo

Resgatar o passado é uma maneira de contribuir para a formação da identidade belo-horizontina, pois de acordo com Gagnebin, “as formas de lembrar e de esquecer, como as de narrar, são os meios fundamentais da construção da identidade, pessoal, coletiva ou ficcional” (GAGNEBIN, 2014, p.218). Mas que identidade é essa? A volta ao passado através da revista *Bello Horizonte* pode contribuir para a construção de uma identidade urbana, social e arquitetônica da primeira capital planejada do Brasil. A revista, quando deslocada de sua época, é capaz de funcionar como um ponto de preservação da memória, ou um arquivo, para ler e ser revelado. O exercício necessário para resgatar essas lembranças é descrito por Gagnebin ao investigar a rememoração: “Não se trata de tentar alcançar uma lembrança exata de um momento do passado, como se esse fosse uma substância imutável, mas de estar atento às ressonâncias que se produzem entre passado e presente, entre presente e passado [...]” (ibidem, 2014, p.240). Portanto, os textos de *Bello Horizonte* funcionam como ponto de partida para o exercício da memória, que funciona como uma linha do tempo entre o passado e o futuro – e esse

Cultura em 1994. A coleção está incompleta e é composta por 52 revistas produzidas em Belo Horizonte e editadas semanalmente.”

passado (e esse futuro) pode ser visto através de histórias. A memória cultural é, pois, “um ato de imaginação e interconexão” (TAYLOR, 2013, p.128), que pode ser construída através de rastros deixados pela coleção em questão. É nesse sentido que as revistas funcionam como um arquivo.

O que reforça tal teoria é a definição do termo dada por Foucault em seu trabalho intitulado “A Arqueologia do Saber”. Nele, o filósofo afirma que o arquivo é, inicialmente, a lei daquilo que pode ser dito (um sistema que rege o surgimento de enunciados enquanto acontecimentos singulares); num segundo momento, o arquivo é aquilo que permite que todas as coisas ditas não se amontoem numa massa amorfa. Ele é, portanto, aquilo que define o sistema de enunciabilidade desde o princípio de sua formação, e que é capaz de diferenciar os discursos em sua múltipla existência e, ao mesmo tempo, especificá-los (FOUCAULT, 1987, p.149). É isso o que, de certo modo, uma revista faz. Ela determina quais personagens e quais notícias podem aparecer e pertencer ao seu mundo, prezando por certa coerência entre os elementos distintos, que não permite a eles serem vistos pelo leitor como uma massa de textos desconexos.

Ao falar do cotidiano da capital, a revista *Bello Horizonte* se torna um espaço onde assuntos diversos convergem para a formação de um arquivo das décadas de 1930 e 1940. A Belo Horizonte de outros tempos pode ser reconstruída a partir da leitura das páginas de *Bello Horizonte*, uma vez que o arquivo serve como um local de apoio e armazenamento das memórias.

A Belo Horizonte de *Bello Horizonte*

A revista *Bello Horizonte* teve como foco a vida na capital de Minas Gerais. De início, suas crônicas e poemas giravam em torno do centro urbano, sobretudo nas imediações da Avenida Afonso Pena com a Rua da Bahia. Conforme a cidade crescia, a revista evoluía: as reportagens ganharam mais espaço, fatos de outras cidades apareceram em suas páginas, a publicação se tornou mensal, e seu design mudou – sem perder o foco na capital, em seus “moradores ilustres” e nas transformações urbanas ao longo dos anos.

Na edição comemorativa de sete anos da revista, uma reportagem apresentou alguns dados estatísticos. Em 1900, por exemplo, Belo Horizonte contava com 13.472 moradores; já em 1938, a população era de 208.177 habitantes – em 1905 eram 3.213 prédios na capital; em 1938, a cidade possuía 29.605 edifícios erguidos. Dentre as novas

edificações, em outra reportagem, a revista destacou algumas imagens da usina da firma Ulysses Vasconcelos. O edifício, em estilo Art Déco, foi composto dentro das regras clássicas da arquitetura deste período: janelas amplas em grade de ferro e vidro formando uma malha geométrica retangular; linhas horizontais e verticais ressaltando o efeito de escalonamento; e a platibanda ocultando o telhado, esse considerado “feito” à época por não ser uma tecnologia moderna. Além das imagens, um depoimento da revista sobre o senhor Vasconcelos demonstrou o valor dado ao cidadão belo-horizontino:

O sr. Ulysses Vasconcellos comerciante e industrial á moderna traz, assim, uma apreciavel contribuição ao progresso montanhez nesse ramo de actividades. O seu estabelecimento offerece as melhores vantagens tanto a compradores, como a vendedores de cereaes, vantagens não só em preços como em qualidade dos productos beneficiados. Elemento de destaque nos altos circulos conservadores de Minas, acompanha o Sr. Ulysses Vasconcellos todos os aspectos da vida mineira nesses sectores, dos quaes é uma das mais estimadas figuras (BELLO HORIZONTE, n.107, 1939, p.43).

De maneira igual à apresentação do Sr. Ulysses, a revista tratou diversas outras personalidades locais daquela época, configurando uma espécie de “materialismo histórico” (BENJAMIN, 2012). As personagens retratadas em *Bello Horizonte* representavam a história contada sob um viés – a visão da elite, o discurso ideal para atender aos anseios da alta sociedade mineira.

Assim como os cidadãos ilustres, a arquitetura foi um tema recorrente no periódico. Sobre construções arquitetônicas, Ricoeur afirma que “cada novo edifício inscreve-se no espaço urbano como uma narrativa em um meio de intertextualidade” (RICOEUR, 2007, p.159). Diversas edificações da capital carregaram em si narrativas de vidas. Elas puderam ver a cidade crescer e fomentaram a maneira de como as relações sociais aconteciam – a exemplo dos cinemas. Sob o título de “Chronica Cinematographica”, o trecho abaixo traz informações sobre a formação da identidade local, mostrando, por exemplo, que os cinemas aguardavam o público, hábito incomum atualmente:

Os cinemas da Capital têm um horário para dar começo á sua primeira sessão. Entretanto, elle não é obedecido á risca, como devêra ser. Porque, afinal de contas, Bello Horizonte não é nenhum logarejo do interior, onde se condiciona o inicio das “soirées” á circunstancias de haver um determinado numero de pessoas para assisti-las (BELLO HORIZONTE, n.18, 1934, p.5).

A cidade se dá, ao mesmo tempo, a ver e a ler. O tempo narrado e o espaço habitado estão nela mais estritamente associados do que no edifício isolado. A cidade

também suscita paixões mais complexas do que a casa, na medida em que oferece um espaço de deslocamento, de aproximação e de distanciamento (RICOEUR, 2007, p.159). Um exemplo claro dessa relação entre o urbanismo e a revista se deu através do “Bar do Ponto”. Nas edições de número 12 e 18, por exemplo, houve a presença de poemas sobre a Avenida Afonso Pena e a Rua da Bahia. No encontro destas duas vias ficava o Bar do Ponto, em frente à estação central dos bondes de Belo Horizonte. A importância desse encontro foi destacada na crônica de 16 de novembro de 1933:

Esse ângulo reto formado no coração de Belo Horizonte pela rua da Bahia e pela avenida Afonso Penna, em todo o esplendor de sua beleza elegante, já está celebre na memória da nossa cidade moderna. Ali, a cidade genuflecte-se, como numa procissão de fé. É a ronda das mulheres mais bellas e elegantes, que passam numa espuma de sedas e numa onda de perfumes, na hora macia da tarde, quando até o ar parece mais leve. O encontro dessas ruas elegantes, até faz lembrar o reflexo de fadas encantadas passando por dois espelhos, como nas nossas histórias de creança. Quanta beleza, quanto esplendor nesse vae e vem constante (BELLO HORIZONTE, n.12, 1933, p.8).

O destaque dado à presença das mulheres revelava o público que frequentava a região, a forma de como a figura feminina era vista, a importância de conviver na cidade, a calma que o tempo permitia aos sujeitos. A descrição também revelou um hábito social dos belo-horizontinos, o *footing* – andar pela cidade para ver e ser visto, conhecer pessoas, flertar. “Footing” era também o nome de uma coluna da revista, que trazia uma crônica sobre o *passeio* da semana, às vezes com fotografias das moças que por ali transitavam. O texto emulava possíveis diálogos dos homens sobre as garotas, ou simplesmente comentava o quanto elas eram importantes naquele evento.

O Bar do Ponto foi “substituído” por volta de 1935, segundo Castriota e Passos (1998). Em 1934, foi criada a Comissão Técnica Consultiva da Cidade, em parte responsável por reformular o plano urbanístico da capital. Pelos planos da comissão, o ponto central dos bondes mudaria de endereço: “a transferência da estação central de bondes do ‘Ponto’ para a Praça Sete veio marcar o deslocamento do ‘centro’ da cidade” (CASTRIOTA E PASSOS, 1998, p.134). A mudança no trânsito mudou também a estrutura da revista *Bello Horizonte*: uma tradicional coluna, denominada “Avenida”, não apareceu publicada em 1936. De forma versada, “Avenida” era uma coluna/poema que informava o que acontecia no Bar do Ponto e nas redondezas. A edição de 12 de junho de 1937 trouxe de volta o poema/periódico, agora sob o título de “Praça Sete” –, uma indicação para o novo referencial da cidade. Escrito por Dom Sancho ao invés de Dom

Ruy (autor da “Avenida”), o poema seguiu a mesma estrutura e estilo da coluna extinta.

Segue um trecho destacado:

A Praça 7, agora, virou sala:
E' ali que se “corta”, é ali que se fala...
Segredam, quando passas, junto às louras,
Que já não és, amor, o que tu fôras...
Ninguém sabe, meu bem, si és feliz,
Si já encontrei aquela que te quis...
Agora isso é verdade; o povo dil-o:
Quando tu queres isso, é bem aquilo...
–Veja que loura vem passar, depois... –
E' ”blonde”, sim, – mas H²O²[...]
Olha quem vae ali: E' um caso sério...
A sua vida – dizem – é um mysterio...
Um bom malandro; nunca viu trabalho...
Outra vida não quer: – é do baralho...
[...] (BELLO HORIZONTE, n. 87, 1937, p.15)

Intitulado “O Bar do Ponto Morreu”, o texto de Astolpho Gazolla falava sobre a transferência da estação central para a Praça Sete na página seguinte ao poema destacado. Além disso, trouxe à tona um termo comum ao obelisco presente no centro da praça: “O Bar do Ponto estava velho e feio. A Praça 7 é moça e bonita. E tem pirolito e cinema. E, também, um círculo grande, onde os bondes brincam de roda. De ciranda, cirandinha...” (BELLO HORIZONTE, n.87, 1937, p.16). A ideia do velho em oposição ao novo e a brincadeira com o pirolito evidenciam que a arquitetura e o urbanismo são capazes de carregar consigo, ao longo do tempo e das gerações, traços do passado; memórias que se mantêm vivas na sociedade, por mais longas que sejam.

A consolidação da Praça Sete como centro da capital pôde ser vista na capa da edição de 3 de junho de 1938. A vida da cidade grande promoveu uma espécie de “desconcentração” da revista em torno de um único local. Era como se, a partir do deslocamento da central de bondes, Belo Horizonte tivesse ficado grande demais para ser vista apenas de um único “ponto”. Ao mesmo tempo em que o bonde (que ia até o bairro Carlos Prates) se tornava cenário de uma crônica urbana, a revista exibia textos situados em outros países; as poesias (que ficavam espalhadas pelas páginas do periódico) deram lugar às publicidades e fotorreportagens; e os textos jornalísticos foram perdendo a linguagem descompromissada.

Em 1939 a revista passou a ser mensal. Junto com a novidade, a ilustração e o título *Bello Horizonte*, na capa, foram modificados: tornou-se padrão publicar uma faixa com o logotipo da revista, além do texto inicial e ilustrado de um conto. Segundo a

reportagem “Visões da Cidade”, de 1940, as novas sedes da Prefeitura e dos Correios e Telégrafos foram responsáveis por um milagre: os prédios trouxeram “vida” para a Avenida Afonso Pena, outrora o coração da cidade.

Ainda durante a década de 1940, a Segunda Guerra Mundial também apareceu nas páginas da revista. A edição de janeiro de 1943 mostrou o posicionamento editorial a favor dos Países Aliados. Numa ilustração, trazia Hitler, Mussolini e Tojo atrás de grades protegidas pelo Anjo da Justiça, que carregava o mundo (envolto por pombas brancas) em suas mãos. Internamente, foi publicado um poema, escrito por A. J. Pereira da Silva, intitulado “Para a Vitória! Britânicos”.

A edição de julho de 1944, além das notícias sobre o conflito na Europa, trouxe um texto do historiador Abílio Barreto sobre a evolução da cidade de Belo Horizonte. Na matéria “O Vertiginoso Evoluir de Belo Horizonte”, um interesse público pela memória da cidade planejada se fez presente. Barreto destacou o ano de 1922 como fundamental na modificação da paisagem urbana local, pois a cidade se desvinculara do fantasma da Primeira Guerra e estava pronta para começar a mudar seus ares “interioranos” em busca do crescimento e industrialização, necessários para se transformar em metrópole:

Entretanto, esse ainda não era o período máximo do evoluir da cidade. A fase de mais intenso progresso desta começou em 1935, com a sua transfiguração decorrente de uma série imensa e grandiosa de melhoramentos, realizados no período administrativo do Prefeito Otacílio Negrão de Lima, mandatário da confiança do Excelentíssimo Senhor Governador Benedito Valadares. Em seguida, [...], tivemos a dinâmica e arrojada fase governamental do Prefeito Juscelino Kubitschek de Oliveira, fortemente prestigiado pelo Excelentíssimo Senhor Governador Benedito Valadares [...] (BELLO HORIZONTE, n.166, 1944, p.42).

Em 47 anos desde sua inauguração, portanto, Belo Horizonte já era reconhecida como uma cidade industrial e de grande porte. A última das revistas analisadas foi publicada mais de três anos depois, em dezembro de 1947. Uma das reportagens chamou atenção para o trabalho de arquivamento da história da cidade pelo mesmo Abílio Barreto. Uma exposição de pinturas foi planejada por Elpídio Lemos de Vasconcelos no Edifício Goitacazes, e sua abertura aconteceu no dia 12 de dezembro, dia do aniversário de 50 anos da capital. As telas ilustravam desde o descobrimento da Serra do Curral até a inauguração de Belo Horizonte, e foram feitas por vários artistas, usando como referência o trabalho de Abílio Barreto, relatos de moradores antigos, fotografias e até mesmo outras pinturas.

O “estilo moderno” nas páginas da revista

A Primeira Grande Guerra fomentou um movimento de recomeço na Europa. Criadores diversos procuravam uma estética que abandonasse o passado, e encontraram nos povos antigos (pré-colombianos) a sua referência. “Na verdade, a Europa desinteressava-se dos produtos de uma sociedade enferma que decidira chacinar a sua juventude em campos de batalha do Somme e voltava-se para uma arte primitiva, intocada e natural” (LEMME, 1996, p. 32). O estilo Art Déco foi o resultado das experimentações feitas por artistas parisienses. Ele se internacionalizou a partir da Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas de Paris, no ano de 1925. Porém, o termo conhecido hoje (Art Déco), surgiu na década de 1960, com a publicação do livro “Art Déco”, de Bevis Hillier. Antes disso, o Art Déco era popularmente conhecido como “Moderno” ou “Cubista”.

Para avaliar de que maneira o estilo manifestou-se nas páginas e nas capas da revista *Bello Horizonte*, foram adotadas apenas algumas edições para análise. A seleção de tais edições constituiu-se das seguintes etapas: agrupamento por similaridade da composição das capas; análise do conteúdo das revistas de cada grupo; e manutenção das revistas cujo conteúdo trazia elementos típicos.

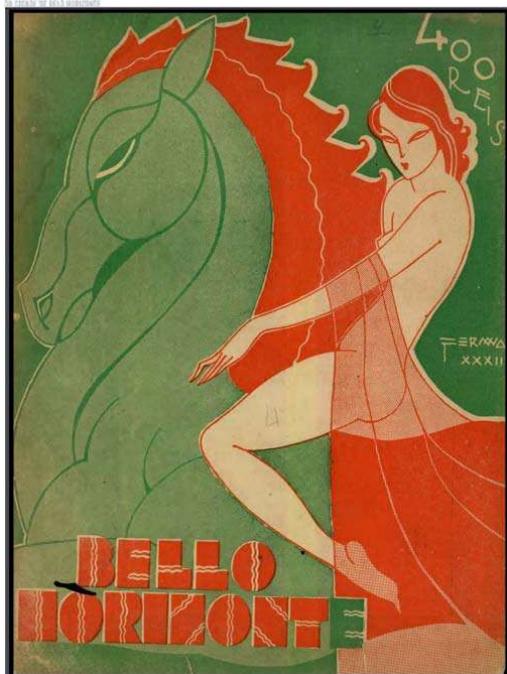


Imagem 1: Revista Bello Horizonte. Edição de 9 de Outubro de 1933. Capa. Fonte: site do APCBH.

As capas do início da publicação ainda não utilizavam a policromia, e abusavam das cores maciças e dos traços geométricos, característicos do Art Déco (Imagem 1). Também predominavam o uso dos vermelhos, verdes e negros. As cores seriam alteradas com o passar do tempo, ampliando a paleta cromática até chegar aos *dégradés* e à exploração das tecnologias modernas de impressão em cores. Levando em consideração que boa parte dos impressos da época era feito em tipografias, onde as cores eram aplicadas ao papel, uma a uma, tem-se uma referência dos motivos da pouca exploração cromática nas capas do início da publicação – quanto mais cores, maior o trabalho, e mais caro o produto final. Os traços das ilustrações possuíam linhas puras e, geralmente, a figura feminina era o motivo do desenho.

A tipografia do logotipo *Bello Horizonte* não seguia o estilo Art Déco, que buscava formas geométricas e puras, pois:

A tipografia de estilo Art Déco, por ter sua construção baseada nos princípios geométricos, aparenta ser de fácil execução, o que levou, em diversos momentos, a ser executada por pessoas com pouca intimidade com os procedimentos do desenho tipográfico, resultando em exemplares com formas no mínimo curiosas, que apresentam também soluções únicas de aplicação, geralmente para possibilitar que um tamanho determinado de letras se encaixe no espaço físico disponível, ou de outros procedimentos que variam caso por caso (D'ELBOUX, 2013, p. 281).



Exceção à regra, a capa da revista de 18 de Setembro de 1933 foi uma perfeita representante do uso da estética Art Déco no campo do design gráfico (Imagem 2). Toda colorida em verde e vermelho, a capa possuía as figuras de um cavalo e de uma mulher nua, esta coberta por um fino véu transparente, com traços (aparentemente) feitos à régua e compasso. Observou-se, aqui, uma tipografia geométrica e maciça, composta por elementos como o círculo e o quadrado, não deixando dúvidas sobre a adoção do “moderno” pelo corpo editorial da publicação.

Imagem 2: Revista Bello Horizonte. Edição de 18 de Setembro de 1933. Capa. Fonte: site do APCBH.

Conforme já dito, o estilo gráfico das capas sofreu alteração quando a estação central dos

bondes mudou de lugar (Imagem 3). Nessa transição, o layout da capa recebeu uma faixa superior e um logotipo. A revista também ganhou um conto em sua capa, que continuava no miolo da publicação; nesse padrão, a ilustração seguia o conto iniciado na capa. Com essas mudanças, a presença de mais cores, incluindo a sobreposição destas, apareceu, revelando que novas tecnologias de impressão haviam chegado ao meio gráfico



Imagem 3: Revista Bello Horizonte. Edições de 19 de Fevereiro de 1934, Maio de 1937 e Janeiro de 1939, respectivamente. Transição estética das ilustrações em cores sólidas para ilustrações, contos e logotipo. Capas. Fonte: site do APCBH.

de Belo Horizonte. Foi a partir de então, onde a ilustração já não era mais Art Déco, que o logotipo aderiu à tipografia típica do estilo, sendo destacado da composição por uma faixa.

Algumas capas foram classificadas como edições especiais. Nessas foram encontradas fotografias ou ilustrações referentes à reportagem principal, que não aparecia na capa (um exemplo de edição especial é a segunda capa da imagem 3; outros exemplos de capas especiais eram aquelas que utilizavam fotografias impressas em cor única). As edições especiais se distanciavam das capas das outras edições, por serem mais autênticas em função da temática empregada. Elas variavam entre si, de acordo com o tema proposto. A ousadia permitida pelo tema da publicação era vista na composição entre ilustração e tipografia, ou fotografia e logotipo, que variavam e se adequavam entre si, não importando a estética vigente.

Páginas internas

Em suas primeiras edições, a revista era semanal e possuía 24 páginas. Sua configuração interna apresentava um editorial, colunas fixas (“Avenida”, “Footing”, “A saída da missa”, “Depois da matinê”, “Belo Horizonte no cinema” etc.) e diversos contos, notas sociais, matérias e poemas. Posteriormente, a revista passou a ser quinzenal e mensal, totalizando 52 páginas. Com maior uso de fotografias – e ampliando o número de reportagens e o tamanho das colunas sobre cinema, rádio, literatura, horoscopo, cartas e curiosidades –, notou-se, também, a colaboração de escritores de renome, como Olavo Bilac e Carlos Drummond de Andrade. Não foi possível identificar as dimensões físicas



Imagem 4: Revista Bello Horizonte. Edição de 12 de Novembro de 1933. Uma das tipografias utilizadas no título do poema semanal "Avenida" com ornamentação da página. Recorte. Fonte: site do APCBH.

da revista e sua tiragem.

A coluna “Avenida” era uma das mais importantes da fase inicial. O grande poema/crônica da semana era publicado nas páginas iniciais da revista, próximo ao editorial. Seu título buscava um alinhamento com a tipografia típica do estilo Art Déco, enquanto o corpo do texto utilizava fonte serifada (Imagem 4). Outro elemento recorrente era a ornamentação da página,

geralmente feita com linhas finas e retas. Essa ornamentação foi utilizada também em outras páginas da revista, sempre cumprindo a mesma função: compor visualmente a página. Vale ressaltar que as estéticas anteriores ao Art Déco eram carregadas de ornamentos. Desprender-se dessa tendência provavelmente era algo difícil para as pessoas da época. Portanto, a ornamentação geométrica pode ser interpretada, atualmente, como uma necessidade de se embelezar o “moderno”.



Imagem 5: Revista Bello Horizonte. Edição de 12 de Novembro de 1933. Exemplo da exploração da composição entre texto e imagem no período. Recorte. Fonte: site do APCBH.

Alguns jogos volumétricos, ora colocando o texto em ziguezague, ora promovendo um jogo de preenchimento dos espaços, remetiam à abstração geométrica herdada do futurismo pelo Art Déco. Essa exploração da composição tipográfica não era utilizada com frequência. Em geral, as páginas possuíam quatro colunas de texto, uma distribuição textual similar a dos jornais. Após a alteração do centro da

cidade e as mudanças gráficas desse período, a revista passou a ter apenas três colunas de texto. Com o passar do tempo, a tipografia do texto corrido ganhou formas mais adequadas ao estilo Art Déco. Porém, nesse momento, a arte gráfica da capa já mostrava sinais do modernismo. A análise tipográfica revelou que a revista diferenciava o tipo do título e o tipo do texto – às vezes, um mesmo título possuía mais de uma tipografia, algo que na atualidade “menos é mais” seria um pecado pelo excesso de informação. Em 1940, a coluna “Um Conto Para Você”, por exemplo, possuía um logotipo que combinava tipos geométricos e manuscritos. O título do tal “conto para você” era escrito com outra fonte, às vezes serifada, às vezes geométrica.



Imagem 6: Revista Bello Horizonte. Edição de 12 de Novembro de 1933. Fotografia recordada ocupando a área equivalente a duas colunas de texto. Recorte. Fonte: Site do APCBH.

Dentre as experimentações fotográficas feitas pela revista, notou-se uma preocupação com o acabamento das fotomontagens. Tal acabamento era feito entre as composições com formas geométricas impressas, trabalhadas nas bordas da própria fotografia ou ao lado das mesmas. Eram utilizadas principalmente

linhas finas, que complementavam a composição das páginas. A preocupação com esse tipo de acabamento foi percebida nas publicações da década de 1930. Na década seguinte, a presença de ornamentos diminuiu, e a manifestação das composições geométricas e anguladas deu lugar à disposição de imagens típicas do design gráfico modernista.

Conclusão

A revista *Bello Horizonte* foi um referencial da cultura belo-horizontina do início do século XX. Nas duas décadas analisadas, a evolução gráfica da revista se mostrou alinhada às evoluções territorial, cultural e social da capital mineira. A cidade de Belo Horizonte havia ultrapassado suas expectativas antes mesmo de completar cinquenta anos de existência – o que, de certo modo, forçou os governantes a elaborarem um novo planejamento para o município. O crescimento populacional foi, de certa forma, desejado em diversos setores, por ser um motivo a mais para livrar a região da pecha de cidade interiorana. A modernidade desejada chegou junto com o estilo “moderno”, pelo qual foi largamente conhecido e nomeado o Art Déco; e a revista não deixou de exibir traços da influência dele em suas páginas: linhas retas, assimetria e fotomontagens na concepção das matérias. As crônicas e contos se mantiveram perenes, ora com menos, ora com mais espaço. Os poemas, que preenchiam boa parte da revista em 1933 e 1934, foram dando espaço às publicidades e às reportagens de outras cidades do estado, do país e do mundo, a partir do deslocamento da estação central dos bondes – um marco, reafirmamos, na metropolização da capital mineira.

O projeto gráfico da revista evidenciou a mudança sofrida pela cidade que crescia em ritmo acelerado, recebendo seu parque industrial e transfigurando o centro urbano. Mais do que a preservação da memória, *Bello Horizonte* era um retrato da manifestação do estilo francês na cultura local. Em suas páginas e capas, contudo, pôde ser percebido que a adoção do Art Déco não ocorreu totalmente, por não haver coerência estética entre capa e miolo. Quando houve uma mudança na edição, houve também uma maior exploração de cores na capa. Com o passar do tempo, o estilo foi se manifestando internamente e perdendo espaço na capa.

Dentre as evoluções do miolo da publicação, notou-se a diminuição da presença de elementos ornamentais no layout das páginas, e uma mudança tipográfica no corpo do texto. Houve também uma redução das colunas de texto, de quatro para três, o que

contribuiu para uma melhor legibilidade. A evolução gráfica da revista, como um todo, mostrou como o Art Déco foi utilizado e como foi superado por outras estéticas, algo comum quando um estilo se tornava moda.

A coleção de revistas *Bello Horizonte* é, portanto, avaliada como um referencial onde as memórias da cidade estão reunidas – não apenas para retratar a vida mineira naquela época, mas para mostrar a virada instituída na cultura local, através do desejo de ser moderno e ser metrópole, ultrapassando os planos da comissão de arquitetos e urbanistas que projetaram a capital. *Bello Horizonte* funciona como um arquivo contendo textos e imagens de um momento fundamental: de como a sociedade se viu revestida de poder para se articular a favor da expansão e da industrialização. O arquivo também é importante por trazer demarcações espaço-temporais do momento que foi alcançado: a mudança do “Bar do Ponto” para a “Praça Sete”; da pequena localidade que levaria cem anos para atingir cem mil habitantes para a grande cidade de mais de duzentas mil pessoas, antes mesmo de completar meio século. As memórias preservadas em *Bello Horizonte* sobre a Belo Horizonte são, em outras palavras, memórias do abandono de uma cidade planejada em função da adoção de novas memórias, ideais para respeitar a tradição e inaugurar o futuro nas Minas Gerais.

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito da História. In: *O Anjo da História*. Org. e Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 8-20.

CASTRIOTA, L.B.; PASSOS, L.M. do C. O “Estilo Moderno”: Arquitetura em Belo Horizonte nos anos 30 e 40. In: CASTRIOTA, L.B. (Org.). *Arquitetura da Modernidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 127-182.

D’ELBOUX, J. R. *Tipografia como elemento arquitetônico no Art Déco Paulistano: uma investigação acerca do papel da tipografia como elemento ornamental e comunicativo, na arquitetura da cidade de São Paulo entre os anos de 1928 a 1954*. 2013. 300 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

DERRIDA, Jaques. *Mal de Arquivo: Uma Impressão Freudiana*. Trad. Cláudio de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 6-38.

FOUCAULT, Michel. O A Priori Histórico e o Arquivo. In: *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 145-151.

GAGNEBIN, Jean Marie. Estética e Experiência Histórica em Walter Benjamin. In: *Limiar, Aura e Rememoração: Ensaio sobre Walter Benjamin*. São Paulo: 34, 2014, p. 197-267.

GAGNEBIN, Jean Marie. Verdade e Memória do Passado. In: *Lembrar Escrever Esquecer*. São Paulo: 34, 2006, p. 39-48.

HURLBURT, Allen. *Layout: o design da página impressa*. Barueri: Nobel, 1986.

LEMME, Arie Van de. *Guia de Arte Deco*. Tradução: Eduardo Saló. Lisboa: Estampa, 1996.

LUPTON, Ellen. *Pensar com Tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

RICOEUR, Paul. Fase Documental: A Memória Arquivada. In: *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007, p. 155-192.

TAYLOR, Diana. A Memória como Prática Cultural. In: *O Arquivo e o Repertório: Performance e Memória Cultural nas Américas*. Belo Horizonte: UFMG, 2013, p. 125-164.

Revistas Bello Horizonte Consultadas

Bello Horizonte. Belo Horizonte: Augusto Siqueira (Dir.), a. 1, n. 12, 16 nov. 1933.

Bello Horizonte. Belo Horizonte: Augusto Siqueira (Dir.), a. 1, n. 18, 19 jan. 1934.

Bello Horizonte. Belo Horizonte: Augusto Siqueira (Dir.), a. 4, n. 73, 30 out. 1936.

Bello Horizonte. Belo Horizonte: Augusto Siqueira (Dir.), a. 4, n. 82, 12 jun. 1937.

Bello Horizonte. Belo Horizonte: Augusto Siqueira (Dir.), a. 5, n. 93, 3 jun. 1938.

Bello Horizonte. Belo Horizonte: Augusto Siqueira (Dir.), a. 7, n. 107, set. 1939.

Bello Horizonte. Belo Horizonte: Augusto Siqueira (Dir.), a. 7, n. 111, jan. 1940.

Bello Horizonte. Belo Horizonte: Augusto Siqueira (Dir.), a. 10, n. 148, jan. 1943.

Bello Horizonte. Belo Horizonte: Augusto Siqueira (Dir.), a. 12, n. 166, jul./ago. 1944.

Bello Horizonte. Belo Horizonte: Miguel Chalup (Dir.), a. 14, n. 188, dez. 1947.